

Vivo na sua resistência a todas as erosões, mesmo as de origem mais obscura, Gil Teixeira Lopes é um singularíssimo **pintor de ofício**, na acepção mais ampla e mais complexa desse nome. Se é verdade que alguns especialistas de arte, ainda há bem pouco tempo, se curvavam com outra demora diante de obras assim, em que o próprio excesso das emoções se entrosava na subtil técnica de uma **manualidade inventiva**, também é verdade que os equívocos e a perda de referências das últimas décadas tornaram o público (e até os especialistas) mais ou menos indiferentes à natureza particular do corpo da obra, dos seus meios e formas, substituindo tudo isso por modos enfáticos (mas primários) de reiniciar a aventura do **pensamento plástico**.

Gil Teixeira Lopes teve quebras, “elipses”, pontos de retorno e novas partidas, mas nunca abandonou a **qualidade material** da pintura, corpo vivo sem o qual nenhuma **essência** daquela linguagem poderá sentir-se e questionar-se. São vários, coexistentes, os processos instauradores da pintura – e os seus índices de sensorialidade tanto constam da “geometria cromática” de um Mondrian como da “truculência carnal” de um Soutine. **O que sobra** deles, por fora do lado **coisificado** das aparências, é o que menos se explica e o que mais importa, no dizer sábio de Braque.

Ora Gil Teixeira Lopes é um autor, na pintura, na escultura, na gravura ou no desenho, cuja forma de pensar o mundo – carregado de seres, objectos, memórias – passa pela realidade matéria e sensorial dos meios. É como quem escreve à mão sobre papel, rasurando letras e palavras, e não como quem pensa previamente os esquemas de um texto, escrevendo-o depois sem mácula através do teclado do computador.

Enganam-se frequentemente, por outro lado, os que insistem em atribuir a este artista uma fixação obsessiva nos índices da sensualidade e do erotismo, sobretudo quando se limitam a ler figuras femininas nuas, poses originadas tantas vezes nos estereótipos da própria publicidade, lassidões de outrora, entre retratos antigos e estudos tridimensionais onde a origem clássica se mistura à nossa dependência de certos modelos, a maior parte deles propagados pelas múltiplas doenças do consumo. É óbvio que Teixeira Lopes parte desses estímulos, a par da pintura a **fazer-se**, consciente dos valores meramente lúdicos da manipulação das formas e do valor emblemático ou estimulante das figurações. Mas a **violência** das suas cores e das suas composições ou escalas, elegendo o corpo como centro da maior parte dos sonhos e dos exorcismos, está longe de derivar tão só de um estilo de fórmulas: aproxima-se antes dos reflexos da nossa própria natureza e da nossa terrível contemporaneidade, mitificada pelos signos da força, da sexualidade, das grandes dependências sistémicas. O seu grito, em todo o caso, exprime mais alegria na eleição das formas do que o reflexo de qualquer “literatura” de denúncia. A essência das emoções para que esta pintura apela pertence, por estranho que pareça, ao lado menos descritivo do que se vê – e é o que mais importa.

Rocha de Sousa

(Professor, Pintor)

in *Gil Teixeira Lopes, Opus*, catálogo da exposição do Palácio Galveias, Lisboa 2002-2003